

Medo de impugnação, a causa de tudo

O medo de ter a candidatura impugnada por abuso de poder econômico — ou até de ser encarado como “gastador” e “marajá” —, parece fazer os candidatos falarem pouco sobre despesas, o que se estende a seus assessores. Muitos não gostam nem de dar a denominação de “funcionários” a seu pessoal de apoio, preferindo dizer que são “colaboradores”, “simpatizantes” ou “voluntários”. Todos os adjetivos com um objetivo comum: desfazer a imagem de que estão pagando a pessoas para trabalhar na campanha.

O controverso candidato a deputado distrital Paulo Goyaz — que nos últimos dias passou de mocinho a vilão, ao desistir de uma ação contra o PT, e acabou candidato ao banco dos réus por, segundo entendimento do TRE, tentar tumultuar o processo eleitoral — é um dos que dizem fazer a campanha com a ajuda dos amigos. Mas, no seu comitê da 703 Norte, duas secretárias trabalham diariamente e confirmam ter um salário. “Só não sei quanto

porque ainda não fiz um mês aqui e só vou receber o pagamento nos próximos dias”, afirma Roberta Fabeni, que fica na recepção do comitê. Ela prefere ser chamada de “colaboradora”.

Outro candidato a deputado distrital, Geraldo Vasconcelos, do PDT, também tem seu comitê central na Asa Norte, onde trabalham cerca de 15 pessoas, segundo a jornalista Jeidy de Oliveira, que veio do Rio de Janeiro especialmente para trabalhar na campanha de Vasconcelos. O candidato, entretanto, não gosta do termo “trabalham” e diz que todos colaboram. “O máximo que faço é ajudar nas despesas com refeição e transportes”, garante ele. A jornalista carioca confirma as palavras do candidato e diz que veio “colaborar” porque é amiga de um irmão de Geraldo Vasconcelos.

No comitê central de Osório Adriano, candidato a deputado federal, o movimento frenético de telefonistas, recepcionistas e cabos eleitorais preparando

cartazes para serem colados nos “pirulitos” sugere uma equipe bem estruturada com muitos integrantes. Não é bem assim, segundo garante o coordenador político da campanha de Osório, Flávio Couri. “Aqui funcionamos como qualquer escritório e só com pessoal estritamente necessário”, diz o coordenador. Segundo ele, o número de funcionários do comitê não chega a 20 pessoas, dos quais garante não saber os salários.

É verdade que a militância política existe em maior ou menor grau, dependendo do partido. Sem dúvida, ela é mais forte nos de esquerda, mas também funciona a nível de amizade familiar. É o caso do candidato Gustavo Ribeiro, que pleiteia uma vaga de deputado distrital e tem como principal cabo eleitoral sua esposa, Leda Ribeiro, que não se furta de sair à noite por bares e locais de grande concentração popular distribuindo “santinhos” e pregando as propostas de seu marido.